



ESTREIA 2017

SOMOS FAMÍLIA!

Cada lar, escola de Vida e Amor

APRESENTAÇÃO

Em 1º de janeiro de 2006, o meu predecessor, P. Pascual Chávez Villanueva, então Reitor-Mor, apresentou a Estreia de 2006 com o título “E Jesus ia crescendo em sabedoria, tamanho e graça” (Lc 3,52).¹ Foi ela um convite do Reitor-Mor a renovar o empenho em favor da família, acolhendo o convite do Papa João Paulo II para defender a vida mediante a família, e também por ocasião

¹ PASCUAL CHÁVEZ VILLANUEVA. Carta do Reitor-Mor: “E Jesus ia crescendo em sabedoria, tamanho e graça” (Lc 2,52). ACG nº 392.

dos 150 anos da morte de Mamãe Margarida, mãe de Dom Bosco e verdadeira mãe dos meninos no Oratório de Valdocco.

Dez anos depois, dirijo-me à nossa Família Salesiana no mundo com esta Estreia que deseja centrar a atenção nas famílias dos mais diversos contextos nos quais estamos presentes, e cujo tema é sugerido, como não poderia ser de outro modo, pela prioridade que a Igreja está dando à necessidade de uma sempre maior e mais adequada atenção pastoral às famílias.

O Papa Francisco quis dedicar dois Sínodos à reflexão sobre a 'Família', em continuidade com alguns elementos pastorais já indicados por ele na Exortação Apostólica "Evangelii Gaudium" (de 2013). O primeiro foi o Sínodo extraordinário de 2014, e o outro, o ordinário de 2015. Segue-se aos dois a Exortação Apostólica "Amoris laetitia" (A alegria do Amor), assinada em 19 de março deste ano 2016.

Creio que o tempo eclesial pede de nós, Família Salesiana de Dom Bosco, que demos prioridade em todo o mundo salesiano à atenção educativo-pastoral que devemos oferecer às famílias.

Como em todos os anos, a Estreia dirige-se a todos e a cada um dos membros e grupos da Família Salesiana, com a intenção de tomarmos uma mais viva consciência da nossa missão e dever para com a família, e o concretizemos no serviço e acompanhamento que se espera de nós.

1. O tema da Estreia

Ao dizer «**Somos Família! Cada lar, escola de Vida e de Amor**», estamos dizendo, desde o início, que todos e cada um de nós fizemos a experiência de ter nascido no seio de uma família, com a beleza e as limitações de qualquer família, cada um em nossa própria; mas, enfim, **nascemos no seio de uma família**, e somos marcados pelo fato de ser família, espaço no qual o ideal é que cada um dos lares possa ser escola de vida e de amor, uma vez que acreditamos que a família é essa realidade humana concreta na qual se deveria *aprender a arte da Vida e do Amor*.

A família, as famílias do mundo – embora em sua diversidade –, são formadas por pessoas que amam, se falam e se comunicam, participam e se sacrificam pelos outros no seio da mesma; pessoas que se defendem mutuamente e defendem a vida dos seus.

Nós nos construímos como pessoas vivendo, em geral, na família, respirando o calor do lar, recebendo em seu interior, dos nossos pais, ou de algum deles, o nome e a dignidade que isso traz consigo. Na família, experimentamos os primeiros afetos e saboreamos a intimidade do 'sentir-se em casa'; nela, aprendemos a agradecer e a pedir perdão e licença. Certamente sabemos que nem todos os meninos e meninas que vêm à vida podem experimentar isso, mas mesmo na diversidade dos contextos e das culturas, creio que se poderia dizer que a maioria de nós viveu esta realidade de família.

O que tem a ver o nosso ser Família Salesiana com o que se disse anteriormente? Que somos os destinatários primeiros desta mensagem pela nossa condição de Família Salesiana de Dom Bosco, que tem um forte sentido do vínculo que nos une como família religiosa. Que esta família, em seus 31 grupos (Congregações, Institutos de Vida Consagrada, Associações de Vida Apostólica, Associações de fiéis, etc.), em sua diversidade, apresenta nos próprios Estatutos, Regulamentos

e Constituições, o *espírito de família* e o clima de família como parte constitutiva do nosso ser, da nossa identidade, assim como a referência à ação pastoral na família e com as famílias.

Isso explica o nosso empenho como Família Salesiana, empenho que se concretiza no não podermos olhar para outra direção que não aquela em que está intensamente envolvida a Igreja universal, hoje sob a guia do Papa Francisco, que nos pede para sermos uma ‘leitura salesiana’ – como educadores que somos de meninos, meninas, adolescentes e jovens –, da realidade das famílias de hoje, para oferecer a nossa humilde contribuição.

2. Convite a uma leitura tranquila, serena e com o coração preparado para o diálogo e o encontro com a Exortação *Amoris laetitia*.

Convido-os, desde já, a uma leitura tranquila, serena e com o coração preparado para o diálogo e o encontro com aquilo que diz a Exortação Apostólica, de modo que os ajude a descobrir o que o documento nos oferece e nos pede. Com visão crente e eclesial, percebe-se que a Exortação Apostólica é um serviço à humanidade e um verdadeiro tesouro espiritual e pastoral. E nos envolvamos nele com a consciência de que ‘somos Família Salesiana’.

A Exortação do Papa Francisco é construída sobre o Magistério dos últimos Papas, São João Paulo II e Bento XVI, e as Assembleias sinodais de 2014 e 2015 como já se disse. Resume, portanto, a reflexão eclesial de muitos anos, mas introduz, ao mesmo tempo, uma mudança de tonalidade, de linguagem e de perspectiva que, de um horizonte canônico tende a outro mais pastoral.

O próprio Papa diz que *“devemos ser humildes e realistas, para reconhecer que às vezes... apresentamos um ideal teológico do matrimônio demasiado abstrato, construído quase artificialmente, distante da situação concreta e das possibilidades efetivas das famílias tais como são. Esta excessiva idealização, sobretudo quando não despertamos a confiança na graça, não fez com que o matrimônio fosse mais desejável e atraente; muito pelo contrário”*.²

Introdução (AL n. 1-7)

A Exortação trata da Alegria do amor vivido na família e também do júbilo da Igreja diante desta realidade. Recolhe, como já se disse, as contribuições de **dois Sínodos**³ e evidencia que a família é uma realidade multifacetada, uma realidade complexa e ampla para a qual convergem os aspectos religioso, político, cultural, econômico e jurídico. Neste amplo contexto, somos todos chamados a cuidar com amor da vida das famílias, pois elas não são um problema, mas uma oportunidade. E podemos afirmar que, apesar da situação de crise pela qual passa atualmente a família, as novas gerações continuam a considerar a família como seu espaço mais seguro e de acolhida incondicional em relação a elas.

Capítulo I. A família à luz da Palavra de Deus (AL n. 8-30)

A família está abundantemente presente na Sagrada Escritura, desde as primeiras páginas até o livro do Apocalipse; no que se refere a ela, fala-se de gerações, de histórias de amor, de crises

² *Amoris Laetitia* (AL) 36.

³ **Primeiro Sínodo** sobre a família, de 5 a 19 de outubro de 2014 (no Vaticano) – Tema: “Os desafios pastorais sobre a família no contexto de evangelização”; **segundo Sínodo**, de 4 a 25 de outubro de 2015 (no Vaticano) – Tema: “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”. Participaram dos dois Sínodos bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e casais.

familiares, de violência familiar. “O idílio, que o Salmo 128⁴ apresenta, não nega uma amarga realidade que marca toda a Sagrada Escritura: é a presença do sofrimento, do mal, da violência, que dilaceram a vida da família e a sua comunhão íntima de vida e de amor”.⁵

No centro do salmo citado, apresenta-se um casal formado por homem e mulher, com toda a sua história de amor. “Deus criou o ser humano à sua imagem, à sua imagem Deus o criou, homem e mulher os criou” (Gn 1,27). Este casal que ama e gera vida é capaz de manifestar o Deus Criador e Salvador. Esse amor fecundo é sinal da realidade íntima de Deus, porque *Deus, em seu mistério mais íntimo, não é solidão, mas família.*

A experiência do sofrimento e do sangue na família

O sofrimento, o mal e a violência na família são uma realidade presente nela desde suas origens, tal como narra a Sagrada Escritura. Há violência fratricida na primeira família, entre os irmãos Caim e Abel, e grandes conflitos estão presentes também na família de Abraão, Isaac e Jacó, Davi, Salomão, Tobias, Jó... Em sua enfermidade, Jó desabafa falando assim sobre a sua família:

“Meus irmãos abandonaram-me, e meus parentes me tratam como estranho... meus familiares se esqueceram de mim... minha mulher tem nojo do meu hálito, e meus irmãos têm asco de mim... as pessoas mais íntimas têm horror a mim...” (Jó 19,13-19).⁶

Encontramos também nos Evangelhos muitos dramas familiares e situações de dor em que Jesus esteve presente. A doença da sogra de Pedro, a morte de Lázaro, a morte da filha de Jairo, o drama da viúva de Naim, a falta de vinho nas bodas de Caná da Galileia... Isso nos faz entender que a família apresentada na Bíblia não é uma realidade abstrata: nela existem crises, sofrimentos, tribulações, fragilidades, dores, lamentos... Pode-se dizer a mesma coisa das luzes e das sombras que iluminam ou obscurecem a realidade da família e o trabalho como meio de subsistência ou elemento que pode gerar felicidade, dor e angústia.

Capítulo II. A realidade e os desafios das famílias (AL n. 31-57)

Neste capítulo, o Papa Francisco oferece um panorama vasto dos problemas e dos desafios que tocam hoje as famílias, sem a pretensão de apresentar uma análise exaustiva de uma realidade social atualmente muito complexa como se tornou a família.

Num contexto marcado por profundas mudanças culturais, estruturais e de estilo de vida, que tocam profundamente a família, o Papa individualiza as seguintes situações.

⁴ Lê-se no Salmo 128: “Felizes os que temem o Senhor, os que andam em seus caminhos. Poderás viver, então, do trabalho de tuas mãos, serás feliz e terás bem-estar. Tua mulher será em teu lar como uma vinha fecunda. Teus filhos em torno à tua mesa serão como brotos de oliveira. Assim será abençoado aquele que teme o Senhor. De Sião te abençoe o Senhor para que em todos os dias de tua vida gozes da prosperidade de Jerusalém, e para que possas ver os filhos dos teus filhos. Reine a paz em Israel!” (Salmo 128/127, 1-6).

⁵ AL, 19.

⁶ O negrito foi inserido para evidenciar os vínculos familiares.

- *O individualismo, as tensões internas, o stress, a diminuição do número de casamentos, as convivências sem regulamentação legal;*
- *A solidão, o narcisismo, a sexualidade vivida como comércio, a mercantilização do corpo, as separações, o divórcio, a diminuição demográfica, a mentalidade antinatalidade;*
- *Os novos modelos de família, o desenvolvimento das biotecnologias, a revolução sexual, a esterilização (feminina e masculina), o aborto, o enfraquecimento da prática religiosa;*
- *A pobreza, a falta de moradias dignas, a ausência de uma adequada política familiar, a precariedade do trabalho;*
- *A violência doméstica, o terrorismo, a dependência das drogas, a insegurança econômica, a fragmentação das relações familiares, o ressentimento e o ódio, as famílias desestruturadas, o enfraquecimento dos vínculos familiares;*
- *A poligamia, as mutilações genitais, a violência verbal, física e sexual, o abuso sexual, a discriminação, o feminismo, o machismo, a carência afetiva dos filhos, a ideologia chamada 'gender'...*

Diante dessas situações difíceis, contudo, é necessário reafirmar que o bem da família é fundamental para o bem do mundo e da Igreja. Por isso, a família deve ocupar o centro da atenção missionária da Igreja, embora reconhecendo que nem sempre a praxe missionária foi aquela exigida. “Muitas vezes agimos na defensiva e gastamos as energias pastorais multiplicando os ataques ao mundo decadente, com pouca capacidade de propor e indicar caminhos de felicidade”.⁷

Capítulo III. O olhar fixo em Jesus: a vocação da família (AL n. 58-88)

Jesus dirigiu o seu olhar para as mulheres e os homens do seu tempo; foi ao encontro deles com amor e ternura, acompanhando os seus passos com verdade, paciência e misericórdia, enquanto anunciava as exigências do Reino de Deus e, ainda hoje, nos acompanha em nosso esforço de viver e transmitir o Evangelho.

Diante das famílias de hoje sempre deve ressoar de novo o primeiro anúncio, o que é “mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário... porque nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio”.⁸

O nosso ensinamento sobre o matrimônio e a família, afirma o Papa, necessariamente deve inspirar-se e desenvolver-se à luz do primeiro anúncio, do anúncio da ternura e do amor que deriva do Evangelho; não é mera defesa de uma doutrina fria e sem vida.

No Evangelho, Jesus assume e realiza o desígnio do Pai sobre o matrimônio: recupera o matrimônio como dom, propõe a indissolubilidade e restaura o projeto original de Deus sobre a família e o matrimônio (cf. Mt 19,3-8).

O matrimônio cristão é visto pela Igreja como expressão da aliança do Filho de Deus com a natureza humana. Mas não se esquece que, diante das difíceis situações nas quais se encontram as famílias feridas, é necessário ter sempre presente o critério do discernimento. O grau de responsabilidade não é igual em todos os casos; devem ser evitados os juízos que não levem em conta a complexidade das diversas situações, e é necessário estar atentos ao modo com que as pessoas vivem e sofrem por causa da própria condição.

⁷ AL, 38.

⁸ AL, 58.

Ponto fundamental deste capítulo é o da **família como transmissora da vida**. O matrimônio é considerado como uma comunidade de vida em que o amor conjugal entre o homem e a mulher é orientado também à fecundidade. Os esposos, aos quais Deus não concede ter filhos, podem ter uma vida humana e cristãmente cheia de sentido, procurando não se fechar em si mesmos. Por isso, a família é o santuário da vida, o espaço humano no qual a vida é gerada, cuidada e protegida nas suas várias fases.

Esta dimensão essencial é acompanhada pelo desafio da **educação dos filhos**. Os pais são os responsáveis pela promoção e educação integral dos filhos; trata-se de um dever importantíssimo e um direito primário dos pais. Os Estados e os governos das nações têm a obrigação de oferecer um serviço educativo de maneira subsidiária, mas os pais têm o direito de escolher livremente o tipo de educação, acessível e de qualidade, que pretendem dar aos filhos segundo as próprias convicções, e a escola não pode substituir-se aos pais, sendo-lhes complementar.

Infelizmente, abriu-se hoje uma fratura entre família e sociedade. Está em crise a aliança entre sociedade e família, e nesta situação a Igreja é solicitada, mais do que nunca, a colaborar mediante a sua ação pastoral especializada ajudando os pais em sua missão educativa.

De modo particular a **família cristã**, como Igreja doméstica, que vive segundo os ensinamentos do Evangelho, é chamada a amadurecer a experiência eclesial de comunhão entre as pessoas: comunhão, perdão, ternura, amor fraterno, oração...

Capítulo IV. O amor no matrimônio (AL n. 89-164)

Neste capítulo, o Papa apresenta uma visão teológica do amor no matrimônio e na família comentando algumas expressões do hino da caridade da primeira carta de São Paulo aos Coríntios 13,4-7, evidenciando algumas atitudes essenciais:

“A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13,4-7).

A **paciência** não é simplesmente suportar tudo; não significa deixar que os outros nos maltratem, ou tolerar agressões físicas, ou permitir que nos tratem como objeto. A paciência é uma característica do Deus da Aliança. Ele mostra-se paciente através da Misericórdia e, por isso, para nós, a paciência deve ser uma experiência de *compaixão* e de domínio pessoal para não reagir com violência diante da fragilidade dos outros, para não nos deixar vencer pelo mal, para não nos desencorajarmos na prática do bem.

O Papa também fala da **atitude de serviço** como de uma relação dinâmica e criativa diante das necessidades dos outros, como aquele amor benévolo que busca o bem dos outros; um amor generoso, que faz o bem, porque o amor não é apenas um sentimento, mas a capacidade de fazer o bem.

É **alegrar-se com o bem do outro** porque, onde há amor, não pode haver insatisfação diante do outro. O verdadeiro amor aprecia o sucesso dos outros, não os sente como uma ameaça, aprecia

sinceramente cada ser humano, reconhecendo o seu direito à felicidade. A inveja, ao invés, é tristeza pelo bem do outro, o que demonstra que a sua felicidade não nos interessa.

Nesta lista de atitudes evangélicas vitais faz-se referência também ao **orgulho**, que não vai certamente de acordo com o amor, pois o orgulho é o desejo de glória de quem se considera superior aos outros. O amor, por sua vez, não se engrandece diante dos outros, ao contrário, está atento, constrói, compreende, cuida, protege e dá atenção aos fracos; os arrogantes, o Papa chega a afirmar, são insuportáveis.

Para haver um verdadeiro encontro com o outro é necessária a **amabilidade**; olhar para o outro com olhar amável. O amor é amável, gera vínculos novos, cultiva relações, cria novas redes de integração, constrói uma sólida trama social. Quem ama é capaz de dizer palavras encorajadoras, que infundem confiança, dão força, animam, consolam e estimulam.

Jesus era assim. Animava as pessoas... Dizia: “Coragem, filho, os teus pecados te são perdoados” (Mt 9,2); “Grande é a tua fé!” (Mt 15,28); “Levanta-te!” (Mc 5,41); “Vai em paz” (Lc 7,50); “Não tenhais medo” (Mt 14,27). As suas palavras infundiam coragem e esperança. Em nossas famílias podemos aprender muito da linguagem e, sobretudo, das atitudes amáveis de Jesus.

O **desapego** é outro componente do amor. Para amar os outros é preciso, antes, amar a si mesmo, mas não de um amor que busca os próprios interesses. “Cada qual não busque o próprio interesse, mas também o dos outros” (Fl 2,4).

A **prática do perdão** significa não levar o mal em conta; trata-se de assumir uma atitude positiva, que busca compreender a fragilidade alheia e se esforça para encontrar desculpas para essa fragilidade, como fez Jesus: “Pai, perdoa-lhes; não sabem o que fazem” (Lc 23,34). Para poder perdoar, precisamos passar através de uma experiência libertadora; precisamos sentir o abraço do amor incondicional de Deus... que ama sem limites.

O amor **alegra-se com os outros**, regozija-se com a verdade, compraz-se com o bem do outro, reconhecendo a sua dignidade, as suas boas obras. O amor se entrega, é capaz de enfrentar o risco... pois “Deus ama a quem dá com alegria” (2Cor 9,7) e “há mais felicidade em dar do que em receber” (At 20,35).

O **amor tudo desculpa**, tudo crê, tudo espera, tudo suporta...; aí se realça com força o dinamismo contracultural do amor, capaz de enfrentar qualquer coisa. O amor não lesa a imagem do outro, não descarrega os maus sentimentos. O amor acolhe também quem lhe causa desconforto, sabe conviver com a imperfeição, desculpa e permanece em silêncio diante dos limites da pessoa amada.

Os esposos, escreve o Papa, devem aprender a falar bem um do outro, a evidenciar o lado bom do cônjuge, a não sublinhar tanto as fragilidades. O que supõe manter sob controle a língua, porque ela, algumas vezes, “está cheia de veneno mortal” (Tg 3,8).

O **amor é movido pela confiança**, não precisa controlar o outro, seguir minuciosamente os seus passos para evitar que fuja dos nossos braços. O amor deixa livre, renuncia a tudo controlar, a possuir, a dominar o outro. O amor dá espaço à autonomia, à abertura e à liberdade, pois onde não há amor não há liberdade.

O amor tudo espera. É importante crer que o outro pode mudar e chegar a ser melhor; crer que o amadurecimento é possível e que as potencialidades ocultas podem germinar.

O amor, santificado pelo sacramento do matrimônio ou “caridade conjugal”, é dinâmico e cresce constantemente sob o impulso da Graça (pois é Deus que santifica); e se esse amor não cresce, pode correr perigo. Afirma-se que o crescimento na Caridade Conjugal é possível mediante a Graça divina, mas cresce também com a ajuda do esforço humano, do silêncio interior, da escuta do coração, do desapego, do diálogo, da oração, da educação das emoções (superando a falta de controle e a obsessão), da atitude de quem sabe dar importância ao outro não subestimando as súplicas e os desejos do outro.

Pelo final do capítulo, o Papa refere-se **ao celibato e à virgindade pelo Reino.** O amor – afirma o Papa – manifesta-se de modos diversos e com diversos estilos de vida, conforme as diversas vocações. O celibato e a virgindade pelo Reino são formas de amor, são um Dom de Deus (cf. 1Cor 7,7). Não há nem superioridade nem inferioridade entre as diversas vocações! O matrimônio e o celibato são duas vocações complementares.

Capítulo V. O amor que se torna fecundo (AL n. 165-198)

O amor está sempre aberto para acolher uma nova vida, o amor sempre dá vida, e a família é o lugar onde se gera a vida, onde a vida é acolhida e se desenvolve. Toda nova vida chega como dom de Deus, como sinal do seu amor gratuito.

O Papa afirma que cada mulher participa do “mistério da criação, que se renova na geração humana”,⁹ por isso a maternidade é uma colaboração com Deus no milagre de toda nova vida. Assim lemos na Sagrada Escritura:

*“Teceste-me no seio de minha mãe” (Sl 139,13).
“Antes de formar-te no seio de tua mãe, eu já te conhecia,
antes de saíres do ventre, eu te consagrei” (Jr 1,5).*

E o Papa, com coração de verdadeiro Pai e Pastor, escreve: “A cada mulher grávida, quero pedir-lhe afetuosamente: cuida da tua alegria, que nada te tire a alegria interior da maternidade. Aquela criança merece a tua alegria. Não permitas que os medos, as preocupações, os comentários alheios ou os problemas apaguem esta felicidade de ser instrumento de Deus para trazer uma nova vida ao mundo”.¹⁰

Toda criança tem o direito de receber **o amor de uma mãe e de um pai,** ambos necessários para o seu amadurecimento integral e harmonioso. Respeitar a dignidade de uma criança significa afirmar a sua necessidade e o seu direito natural de ter uma mãe e um pai, colaboradores do amor de Deus. Juntos, pai e mãe, ensinam o valor da reciprocidade, do encontro entre diversos, onde cada um contribui com a própria identidade, paterna e materna, masculina e feminina, para o desenvolvimento harmonioso do filho.

⁹ JOÃO PAULO II, *Catequese* (12 de março de 1980), 3: *Ensinamentos* III, 1 (1980), 543, citado in *Amoris Laetitia*, 168.

¹⁰AL, 171.

Percebemos – afirma o Papa – que atualmente muitas crianças e jovens vivem a ausência dos pais; há um vazio de presença materna e uma crise de paternidade.

E, particularmente diante dessas difíceis situações, como a da crise de paternidade, “as mães são o antídoto mais forte contra o propagar-se do individualismo egoísta... São elas que testemunham a beleza da vida”.¹¹ Sem dúvida, uma sociedade sem mães seria uma sociedade inumana, porque as mães sempre sabem testemunhar, mesmo nos momentos piores, a ternura, a doação, a força moral.

Enfim, fala-se de família aberta. A maternidade não é uma realidade exclusivamente biológica, mas exprime-se de modos diversos, por exemplo, na adoção. Adotar é um ato de amor; através da adoção, a fecundidade do amor se estende e se alarga.

Capítulo VI. Algumas perspectivas pastorais (AL n. 199-258)

Não se trata de apresentar aqui uma norma de procedimento, mas de estar atentos às expectativas mais profundas da pessoa humana e de propor alguns valores. É necessária uma Evangelização que indique os desafios e os condicionamentos culturais, sociais, políticos e econômicos do momento atual. É necessária uma pastoral que desenvolva o diálogo e a colaboração com as estruturas sociais, que encoraje e apoie os leigos no âmbito cultural e sociopolítico.

A contribuição da Igreja para a família requer uma adequada pastoral familiar e uma maior formação dos presbíteros, religiosos, religiosas e agentes leigos.

Neste itinerário pastoral, é necessário ajudar os jovens a descobrirem **o valor e a riqueza do matrimônio** através do processo de **preparação** dos enamorados, ajudando-os no autêntico crescimento no amor interpessoal. Os enamorados precisam ser acompanhados no itinerário de preparação para poderem assumir o matrimônio como vocação, como processo de amadurecimento no amor.

É indispensável garantir também uma preparação de qualidade para a celebração do matrimônio e **o acompanhamento nos primeiros anos de vida matrimonial**. Igualmente, **a paternidade e a maternidade**, que devem ser decisões responsáveis, pressupõem a formação da consciência dos esposos.

Capítulo VII. Reforçar a educação dos filhos (AL n. 259-290)

Os pais sempre influem no desenvolvimento moral dos filhos, no bem e no mal. A missão educativa da família é importante e complexa. A família não pode renunciar a ser lugar privilegiado de apoio, acompanhamento e guia dos filhos. Deixar de se preocupar com isso nunca é uma solução. Ao contrário, educar significa gerar processos de amadurecimento da liberdade; educar é promover o desenvolvimento integral e cultivar a autonomia verdadeira e autêntica.

A educação dos filhos inclui a missão de promover a liberdade responsável para ser capaz de enfrentar os momentos cruciais da vida com sabedoria, segurança e inteligência.

¹¹ *Ibid.* 174.

Também é missão dos pais promover a **formação ética dos filhos**, formação que não pode ser delegada ou confiada a terceiros. Deveria ser realizada sempre com métodos positivos, com o diálogo atento à sensibilidade dos filhos, concebida para indicar à pessoa o que lhe é conveniente em cada momento: a busca do bem. A educação favorece a formação de hábitos bons e cultiva a liberdade responsável que garante a autonomia madura.

Uma dimensão educativa que não pode ser descuidada é a **educação sexual**, que deve ser feita no momento adequado. Uma educação que inclua o respeito e o apreço às diferenças, que ajude os jovens a aceitarem o próprio corpo na sua singularidade.

Para o modo de ser feminino ou masculino não confluem apenas fatores biológicos ou genéticos, mas a diferença sexual comporta muitos elementos... A diferença sexual (ser homem ou mulher) é obra de Deus.

Enfim, não podemos esquecer que compete aos pais também a **responsabilidade de transmitir a fé** aos seus filhos. A família deve continuar a ser o lugar no qual se ensina a colher as razões e a beleza da fé. O que pressupõe que os pais vivam realmente a experiência de ter confiança em Deus, de buscá-lo e de ter necessidade dele, e que tenham presente que as crianças são sensíveis aos símbolos, aos gestos e às narrações. É fundamental que os filhos possam ver concretamente a experiência de fé e de oração dos seus pais.

Capítulo VIII. Acompanhar, discernir e integrar a fragilidade (AL n. 291-312)

A Igreja deve acompanhar as famílias dando-lhes novamente confiança e esperança. Mas há também famílias feridas; por isso, o trabalho da Igreja assemelha-se ao de um hospital de campanha.

É preciso usar a lei da gradualidade na ação pastoral, pois é muito difusa atualmente a ausência da consciência matrimonial e do valor do esforço... Segue-se disso que, para promover o matrimônio cristão, é necessária uma pastoral misericordiosa, estimulante, de diálogo, de discernimento...

O Papa Francisco faz notar que muitos jovens e adultos sob o influxo de uma mentalidade já generalizada preferem a simples convivência... Mas é necessário enfrentar a situação de maneira construtiva, com atenção e acompanhamento paciente e delicado, como fez Jesus com a mulher samaritana.

A esta altura da Exortação Apostólica, o Papa enfrenta o importante e delicado tema do **discernimento das situações**, que requer uma leitura atenta e uma reflexão profunda. Durante o Sínodo, os Padres Sinodais referiram-se a diversas situações de fragilidade e imperfeição vividas por numerosas famílias; o caminho da Igreja não deve ser o de condenar as pessoas. É indispensável considerar a complexidade das situações. Ninguém pode ser condenado... Somos chamados a usar a pedagogia divina, evitando qualquer ocasião de escândalo.

Aos sacerdotes e aos agentes de pastoral cabe, ordinariamente, acompanhar e promover o discernimento, procurando compreender o grau de responsabilidade, que não é igual para todos.

A lógica da missão deve ser a da misericórdia pastoral. É necessário acompanhar com misericórdia e paciência as diversas etapas de crescimento das pessoas.

Capítulo IX. Espiritualidade conjugal e familiar (AL n. 313-325)

A caridade assume diversas nuances, segundo o estado de vida ao qual cada um foi chamado. A espiritualidade matrimonial é a espiritualidade da relação, alimentada pelo amor divino e pela comunhão familiar, que se vive como caminho de santificação na vida ordinária: “Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós” (1Jo 4,12).

Quando a família consegue concentrar-se em Cristo, **Ele unifica e ilumina toda a vida familiar** com os seus problemas e os seus sofrimentos. Evita-se, assim, toda ruptura, e a oração em família torna-se um meio privilegiado para exprimir e consolidar a fé pascal.

Espiritualidade do amor exclusivo. No matrimônio, os esposos vivem o sentido de pertença completa a uma única pessoa, assumindo o desafio e o anseio de envelhecer juntos; para tanto renovam todos os dias diante de Deus a decisão de serem fiéis, aconteça o que acontecer no passar dos dias. Nesta aliança todo cônjuge é para o outro sinal e instrumento da proximidade do Senhor: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28,20).

Espiritualidade da disponibilidade e da consolação. Os cônjuges cristãos são, um para o outro, cooperadores da graça e testemunhas da fé. Deus os convida a gerar e cuidar de toda a vida da família, onde a pessoa amada merece toda a atenção. Jesus é nosso modelo porque, quando alguém se aproximava para conversar com ele, Ele fixava o seu olhar e olhava com amor (cf. Mc 10,21); despertava no outro a alegria de sentir-se amado.

Estamos cientes de que nenhuma família é uma realidade perfeita, mas requer um desenvolvimento gradual da capacidade de amar. Toda família deve viver sempre com um estímulo positivo.

“Avancemos, famílias; continuemos a caminhar! Aquilo que se nos promete é sempre mais. Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida”.

3. Cada casa, escola de Vida e de Amor. A nossa contribuição educativo-pastoral

3.1. A família, opção do Deus encarnado¹²

“Deus escolheu uma mãe para poder ser homem, e uma família para crescer e amadurecer como tal. É um dado de fé que o cristão não pode ignorar quando pretende refletir sobre a família”. Começa assim o artigo ao qual me refiro. De fato, é certamente um sinal distintivo da fé cristã a confissão da encarnação de Deus, como afirma o Catecismo da Igreja Católica. Sem dúvida, se o motivo da nossa salvação foi o amor que Deus nutre por nós, a encarnação foi o modo de realizá-la. Neste fato, contudo, há outra coisa que atrai intensamente a nossa atenção. A decisão de Deus

¹²Este é o título de um trabalho do Prof. Juan José Bartolomé, intervenção preparada para os Dias da Família Salesiana sobre a família, em janeiro de 2006. O trabalho não foi publicado. O conteúdo do que escrevo neste ponto inspira-se em grande medida nesse trabalho.

de assumir no Filho a condição humana passa através de dois fatos muito significativos: primeiro, nascer de uma mulher, *tornando-se filho de Maria Virgem*, e, depois, *nascer numa família*, ou seja, o fato de ter buscado uma família na qual nascer e desenvolver-se como ser humano.

Algo que bem conhecemos e que toca muito de perto a nossa sensibilidade é Deus ter-se tornado filho anunciando ele mesmo aos seus pais o próprio nascimento e convencendo-os a dar-lhe o consento, o seu sim.

Maria é cheia de graça antes de ser mãe, e o filho foi pensado por Deus antes de ser desejado pela mãe. Maria não pede um sinal para poder crer. Deus lhe propõe um plano diante do qual não se sente capaz. A virgem conceberá um filho, que não é fruto de uma vida matrimonial precedente (Lc 1,35).

Quanto a José, diversamente do que sucedera com Maria, Deus lhe manifesta o seu plano não através de uma diálogo (Lc 1,28), mas durante um sonho (Mt 1,18.24). José “sonha” o que Deus quer dele, depois do choque que produz nele a irrupção de Deus no seu matrimônio: aquele que foi concebido em Maria é obra do Espírito (Mt 1,18.20). E Deus, que “usurpou” a sua paternidade sem que ele o soubesse e sem a sua permissão, pede-lhe agora que aceite o fato consumado.

Tanto Maria como José, embora de forma diferente, como diferentes eram as suas responsabilidades e as suas funções no interior da família, precisaram *pagar um preço para ser família de Deus*, tanto durante a infância e a adolescência de Jesus, quanto durante o seu ministério público, através de um itinerário não isento de muitas dificuldades. Esta experiência torna mais próxima a família de Nazaré às famílias de ontem e de hoje, às famílias de todos os tempos.

A vontade salvífica de Deus, isto é, o fato de Deus querer salvar-nos, “obrigou-o” a ser semelhante a nós. Uma vez feito homem, quis aprender a ser como nós, aprendendo a amadurecer como homem no seio de uma família, “berço da vida e do amor no qual o homem nasce e cresce”.¹³

Podemos afirmar com certeza que foi uma família a “humanizar o Filho de Deus” e esta realidade indiscutível confere à família um excepcional valor sagrado.

3.2. Dom Bosco, em família, mas sem um pai

“Não tinha eu ainda 2 anos quando Deus misericordioso nos atingiu com uma grave desgraça. Um dia, o amado pai, cheio de saúde, na flor da idade, todo preocupado em educar cristãmente os filhos, de volta do trabalho, ensopado de suor, entrou imprudentemente na adega, subterrânea e fria. O resfriado manifestou-se à noitinha com violenta febre, precursora de forte pneumonia. Inúteis todos os cuidados. Em poucos dias encontrou-se às portas da morte. Munido de todos os confortos religiosos, recomendou à minha mãe que tivesse confiança em Deus, e faleceu na bela idade de 34 anos, em 12 de maio de 1817.¹⁴ Não sei o que aconteceu comigo em tão triste circunstância. Lembro apenas, e é o primeiro fato de minha vida que guardo na memória, que todos saíam do quarto do falecido e eu queria ficar lá a todo o custo. – Vem, João, vem comigo – insistia minha aflita mãe. –

¹³ *Christifideles Laici*, 40.

¹⁴ Os estudos críticos afirmam que morreu precisamente em 11 de março de 1817.

Se papai não vem, eu também não vou – retorqui. – Pobre filho – continuou mamãe – vem comigo, já não tens pai”.¹⁵

Dessa forma, o próprio Dom Bosco, 56 anos depois, conta-nos sobre este momento da sua vida. Dom Bosco era muito comedido quando falava de si mesmo, particularmente na manifestação dos seus sentimentos, mas com estas poucas linhas deixa entrever as suas lágrimas, a sua incapacidade de pequena criança de compreender o que estava acontecendo, ao tomar ciência de que seu pai não se movia e não lhe respondia, e o pranto da sua mãe, já viúva, que naquele dia vê mudar completamente a sua vida.

Que a memória daquele momento tenha permanecido muito viva em Dom Bosco ou que isso seja pouco verossímil como sustenta um autor,¹⁶ segundo o qual é mais provável ser uma lembrança do que os adultos contaram quando ele ainda era uma criança, em todo caso Dom Bosco fala-nos da nova situação em que vem a encontrar-se a sua família, que agora não é mais como tantas outras famílias “normais”, e deve aprender a crescer e amadurecer sem a figura do pai e com a figura de uma mãe que, certamente, demonstrou dotes excepcionais. Podemos-lo deduzir de tudo o que conta Dom Bosco com muita sobriedade. Emerge a grande estatura humana e cristã dessa camponesa, viúva e mãe, com uma família de cinco pessoas; uma mulher que recusa a proposta de um segundo matrimônio, muito conveniente para ela. Seus três filhos seriam entregues a um bom tutor, que haveria de cuidar deles. “Um tutor – respondeu a generosa mulher – é um amigo, ao passo que eu sou a mãe dos meus filhos. Não os abandonarei jamais, ainda que me oferecessem todo o ouro do mundo”.¹⁷ E Dom Bosco conta como sua mãe se preocupou em “instruir os filhos na religião, torná-los obedientes e ocupá-los em coisas compatíveis com a idade”.

Isto nos faz entender que a família de Joãozinho, abalado pela sua situação de órfão, pôde gozar do profundo amor de uma mãe, que consagrou totalmente a vida aos seus filhos, de uma mãe que foi para eles a primeira e mais importante catequista; uma mulher que lhes ensinou a serem responsáveis, trabalhadores e honestos, caridosos para com aqueles que eram mais pobres. Uma mãe que, embora em meio a tantas dificuldades e restrições materiais, fez todo o possível para que seu filho pudesse seguir a vocação e o chamado ao sacerdócio.

Tendo posto a atenção sobre a experiência de Dom Bosco, parece-me oportuno referir-me a outra grande mulher e santa da Família Salesiana, Maria Domingas Mazzarello, que, por sua vez, foi “marcada” pela realidade da sua família, embora se tratando, por alguns aspectos, de uma família diferente da de Dom Bosco. Semelhante foi a situação de pobreza comum a simples agricultores, mas a infância e a família de Maria Domingas foram muito diferentes. Maria Domingas não cresceu sem o pai e foi a primeira de um numeroso grupo de irmãos. Não precisou afastar-se da sua cidade natal, Mornese, durante a infância e a juventude. Compartilhou certamente o mesmo clima de piedade. De fato, um modelo diferente de família, que marcou profundamente a personalidade de Maria Mazzarello.

¹⁵ Instituto Storico Salesiano, *Fonti Salesiane. Don Bosco e la sua opera*, LAS-Roma, 2014, 1173-1174 [João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, Brasília: EDB, p. 25].

¹⁶ “Dom Bosco remonta à sua mais longínqua lembrança da morte do pai; isso é pouco verossímil, porque ela se deu quando o pequeno João tinha apenas dois anos. É provável que ele tenha recordado o que os adultos do círculo familiar lhe evocaram nos anos sucessivos”. In Giacomo Dacquino, *Psicologia di Don Bosco*, SEI, Turim, 1988, 19.

¹⁷ Instituto Storico Salesiano, o.c. 1175. [João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, Brasília: EDB, p. 27]

3.3 Próximos para ajudar a construir e restaurar

Fiz até aqui uma referência à família de Jesus de Nazaré (o Senhor), à família de Dom Bosco e de Maria Mazzarello, para realçar a importância e a transcendência da família em sua vida. Estou certo de que muitos de nós, ao ler estas páginas, voltarão de algum modo à própria experiência familiar, vivida por cada um de nós.

– Uma realidade sempre muito complexa

É fato que a família, embora hoje seja contraditória e controversa a sua realidade, continua a ser a *estrutura originária da cultura humana*.¹⁸ Remonta aos inícios da própria humanidade e está presente em todas as culturas conhecidas, mesmo se com uma grande variedade de perfis e de modelos. Em geral, ainda hoje, a maior parte das crianças e dos jovens cresce numa família, e é nela que recebem uma marca, que será determinante para a sua vida. Não se pode ignorar, contudo, e menos ainda negar que a família, como estrutura originária à qual se fazia referência anteriormente, está atravessando uma transformação profunda e uma crise. As causas destas mudanças e desta crise são complexas e muito diversas.

Vimos a longa lista de situações e desafios que o Papa Francisco enuncia entre os números 31 e 57 da Exortação Apostólica. Outros autores indicam outras **além delas, mesmo se todos se movam** na mesma direção:¹⁹ situações de miséria, indignas de um ser humano, que tornam impossível uma vida familiar normal; os movimentos migratórios, que fragmentam e dividem muitas famílias; as longas ausências dos pais em relação à família por motivos profissionais.

Muitas vezes, são as condições econômicas que tornam difícil a convivência e a coesão familiar. Outras vezes, são os fatores econômicos que determinam os valores da família, o projeto familiar, as condições de bem-estar, que se antepõem, como condição prévia, como à paternidade e à maternidade; os mecanismos sociais, que têm grande força, cujo influxo toca a todos de uma forma ou de outra.

Acrescenta-se a tudo isso a crise antropológica dos modelos de libertação, que não podem ser ignorados. Fatos como a promoção de uma cultura alheia à família, que levam à queda do seu valor social e à “normatização” e, às vezes, à exaltação da infidelidade conjugal; a renúncia à maternidade e à paternidade como libertação pessoal; a aceitação da ideia do filho como concorrente ou até obstáculo ao maior bem-estar econômico. O clima, sempre mais difuso e divulgado, de irrelevância social da família.

Enfim, poder-se-ia falar da complexa geografia dos assim chamados tipos de família: novas unidades familiares, famílias ²⁰ como fenómeno emergente devido ao aumento dos filhos ‘naturais’, o aumento dos divórcios, a troca de casais por conveniência...; todos fenómenos que fazem emergir não só numerosas e diversas formas de família (com um só dos pais, recompostas,

¹⁸Walter Kasper, *El futuro de la familia desde la perspectiva cristiana*, in George Augustin (ed). *El matrimonio y la familia*. Sal Terrae, Cantabria, 2014, 146.

¹⁹Cf. Walter Kasper, o.c. 146-147; Cf. Reinhard Marx, No te desprecupes de tus parientes, in Georges Augustin, o.c. 164-174; Cf. Christoph Schönborn, *Cincorecordatorios...* in Georges Augustin, o.c. 216-218; Cf. Pascual Chávez, “E Jesus ia crescendo em sabedoria, tamanho e graça” (Lc 2,52) ACG n.º 392, Roma, 2006, 8-13; Cf. David Le Breton-Daniel Marcelli (de), *Dizionario dell’adolescenza e della giovinezza*, LAS, Roma, 289-292.

²⁰Cf. David Le Breton-Daniel Marcelli, o.c. 290-291 Cf. *Ibid.* 291.

homoafetivas), mas também formas de convivência segundo diversas modalidades: matrimônio, união livre, acordo civil de solidariedade, etc.). Para ter uma ideia mais precisa da complexidade desta situação, como se dá em algumas partes do mundo, pode-se dizer que uma família recomposta é aquela que compreende um dos dois genitores, o filho ou os filhos de uma primeira união, e o companheiro/a do genitor. Este é apenas um exemplo, porque o mesmo modelo pode ser realizado segundo perfis diversos e múltiplos. A socióloga Irène Théry pôde individualizar (ainda em 1993) 25 tipos diferentes de configurações familiares recompostas.²¹

Isso tudo nos leva a pensar na instituição familiar como uma realidade que se torna sempre mais complexa, sem esquecer que as diversidades culturais nos cinco continentes acrescentam muitos outros elementos à complexidade da qual estamos a falar.

Postos diante desta situação, perguntemo-nos se podemos fazer alguma coisa pelas famílias a partir da nossa condição de educadores e educadoras, de pastores e evangelizadores.

– **A empatia como resposta primeira e humana.**

É justamente nestes contextos que se espera de nós a capacidade da empatia diante da dor e da fragilidade. Trata-se de uma empatia que tem muito a ver com uma característica que nos é própria: o *espírito de família*.

Entendemos por empatia aquela habilidade cognitiva, que torna as pessoas capazes de compreender o universo emotivo das outras pessoas. Permite perceber os seus sentimentos, chegar a um maior conhecimento das suas ações e da sua maneira de decidir diante de determinadas questões. A *empatia* torna possível colocar-se, de certo modo, na situação vivida pelo outro. Ajuda os educadores e evangelizadores dos adolescentes, das adolescentes e dos jovens, a compreenderem o mundo das suas famílias, muitas vezes complexo, e serem pontes e mediadores em situações delicadas e importantes.

É nestes contextos difíceis que se pode esperar de nós a *empatia* diante de famílias fragmentadas (feitas aos pedaços, ‘patchwork’), ou famílias marcadas por profundas feridas, nas quais há egoísmos que produzem rupturas. Famílias nas quais é ferida sobretudo a alma dos jovens e onde estes se tornam “reféns das discórdias”, como afirma o Papa Francisco.²²

Deve-se esperar de nós *empatia* nas situações existenciais nas quais devemos ajudar a construir relações, curar ou cicatrizar feridas; situações existenciais nas quais podemos ajudar a superar os temores e a considerar, como no texto bíblico, que “não quebrarás o caniço rachado”.²³

Empatia quando as famílias, como terá acontecido também nas nossas, devem aprender a ser família através dos erros, que requerem humildade e compreensão, perdão e misericórdia, pois na família todos têm direito ao perdão e todos têm a faculdade de perdoar para construir a família e, depois, reconstruí-la.

²¹Cf. *Ibid.* 291.

²²Cf. AL, 245.

²³Mt 12,20; Cf. Is 42,3.

Empatia quando se é chamado a aceitar os limites próprios e alheios, oferecendo a todo membro da família a oportunidade de enriquecer-se do amor, que lhe é oferecido, e de enriquecer os demais com a própria entrega, conscientes de que a gratuidade é o ponto de partida para construir a família.

Empatia, enfim, para ajudar a construir e a restaurar situações de vida.

– Atitude própria do nosso espírito de família.

Os diversos contextos dos quais a Família Salesiana participa no mundo apresentam situações muito diversas e complexas. Nossos jovens e nossas jovens, como as suas famílias, têm o direito de encontrar em nós a capacidade de compreensão, empatia, proximidade aos seus sentimentos, porque é e deve continuar a ser uma característica nossa ter um *espírito de família* forte e atraente.

O espírito de família era uma convicção fundamental em Dom Bosco que nele se inspirou ao dar vida à sua obra, ao sonhá-la, desenhá-la e sustentá-la,²⁴ para que nela reinasse sempre o amor num clima de constante abertura e familiaridade. Deve ser característica deste espírito de família também um “estilo de sincera fraternidade, de bondade (*amorevolezza*), de acolhida aberta, de contato humano simples e cordial com todos”,²⁵ marcado sempre por uma relação humana serena e acolhedora.

Os nossos jovens e suas famílias deveriam ter a possibilidade de experimentar que as casas salesianas da nossa Família no mundo todo são *presenças que se preocupam com a vida, com as suas vidas*; presenças nas quais é possível esperar que as portas estejam sempre abertas e que o clima humanizante (rico de humanidade) seja o que os acolhe e acompanha nas experiências mais importantes, muitas vezes difíceis, da vida. Deveriam sentir que, como faria Dom Bosco, são sempre bem acolhidos e nunca julgados ou condenados; mesmo quando se deve dizer que alguma coisa não é possível ou não pode ser concedida, isso é dito com o maior respeito pela dignidade das pessoas, com sentido de equidade e de justiça. Dessa forma, não falharíamos ao que nos deveria distinguir como Família Salesiana no mundo.

3.4 Na escola de Vida e de Amor que é a família.

Esta é uma das chaves fundamentais da Exortação Apostólica ‘Amoris Laetitia’ e é um elemento da máxima importância para a contribuição que devemos dar, como Família Salesiana, ao apelo da Igreja em favor das famílias: a consciência da grande missão das famílias, embora em seus diversos perfis, como *escolas de Vida e de Amor*.

Com outras pessoas, grupos e instituições estaremos ao lado das famílias, caminharemos juntos, mas jamais podemos suprir o que é insubstituível nas famílias, a sua vocação existencial a ser “comunidade de amor e de vida”.²⁶

²⁴Cf. Capítulo Geral Especial XX (CGE), n.º 649.

²⁵*Ibid*, 427; Cf. CGXXIV, n.º 91-93; Cf. Pascual Chávez. Carta do Reitor-Mor, o.c., 41.

²⁶Concílio Vaticano II, GS 48.

- Uma contribuição a oferecer às famílias será ajudá-las a tomar consciência de que elas são verdadeiro “patrimônio da Humanidade”²⁷ e a **primeira e comum escola de humanidade** na qual se desenvolve e se cultiva a vocação ao amor, pois na família, a não ser que esteja profundamente arruinada, não se pensa apenas na vantagem individual, mas no bem de todos. Todo membro é reconhecido como um bem em si mesmo e, em geral, se dá atenção especial aos mais frágeis: as crianças, os doentes, os portadores de deficiência e os idosos.

- Outra bela característica da família é ser escola de vida e de amor, porque **a família é casa**, é lar. Esta palavra “casa – lar” em algumas de nossas culturas é cheia de afeto e de calor humano – sentir-se em casa – porque encerra um valor muito mais rico do espaço físico da casa. “O lar-casa é ninho, é berço da vida. É o lugar privilegiado da vida, onde ela é acolhida com responsabilidade, educada com dedicação generosa, celebrada com alegria festiva, alimentada com o pão do trabalho e das lágrimas, curada quando está ferida e lamentada quando não existe mais”.²⁸

Por isso, quando falta a família é muito difícil substituí-la, e os serviços sociais dos Estados podem somente compensar ou atenuar, o quanto possível, o vazio existente. Na verdade, “para a criança, a família é um ‘recurso’ infinito de primeiro plano, e continua a sê-lo também para o adulto”.²⁹

- As famílias são acompanhadas na sua vivência concreta quando se ajudam os pais – em algumas situações o pai ou a mãe que atuam sozinhos – a compreenderem o valor fundamental do **apoio afetivo que oferecem aos seus filhos**. Isso comporta fazer tudo o que é humanamente possível para que os filhos se sintam profundamente amados, ajudando-os a crescerem com equilíbrio e harmonia porque o amor é como o fogo que conserva acesa a lareira. “Um filho é amado porque é filho: não porque é bonito ou porque é deste modo ou daquele, mas porque é filho! Não porque pensa como eu, nem porque encarna as minhas aspirações. Um filho é um filho”,³⁰ afirma o Papa Francisco. Significa aceitar os filhos como são e dedicar-se a eles gastando tempo e dando atenção. Não é suficiente que um pai ou uma mãe pensem que lhes dedicam pouco tempo, mas tempo de qualidade. É necessário que a quantidade de tempo seja proporcional às necessidades dos filhos, pois quem não sabe compartilhar os pequenos interesses e as mínimas coisas da sua vida, sem percebê-lo, corre o risco de afastar-se lentamente da experiência deles.

- Nas famílias mais estáveis, **a vida dos pais é caracterizada pela dedicação**, pelo dar-se reciprocamente no amor e pelo dar-se juntos aos próprios filhos. Afirma-se intensamente na Exortação que toda criança que vem à vida tem o direito de receber o amor de uma mãe e de um pai,³¹ ambos necessários para se chegar à maturidade integral e harmoniosa. E “não se trata apenas do amor do pai e da mãe separadamente, mas também do amor entre eles, captado como fonte da própria existência, como ninho acolhedor e como fundamento da família”.³²

²⁷Documento da Assembleia Latino-Americana dos Bispos em Aparecida, nº 302 e 402.

²⁸Card. Jorge Mario Bergoglio, *La familia a la luz del documento de Aparecida*. Artigo publicado in *Familia e Vita*, XIII, nº 2-3/2008, 64-72, e citado in *Papa Francisco y la Familia*, LEV-Romana, 2015, Madri, 51.

²⁹Walter Kasper, *El futuro de la familia desde la perspectiva cristiana*, in Goerge Augustin (de), *o.c.*, 169.

³⁰AL 170.

³¹Cf. AL 172.

³²*Ibid.*

Sabemos que nem sempre é possível gozar da presença de ambos os pais. No mundo há milhões de famílias nas quais os filhos vivem somente com o pai ou com a mãe, mas isso não significa que se deva renunciar a propor o grande valor que comporta o testemunho de ambos para os filhos e as filhas. Ao mesmo tempo, qualquer que seja a composição da família, não se deve esquecer que a dedicação e o prodigalizar-se dos pais forjam os valores que os filhos assimilam preparando-os da melhor maneira possível para enfrentarem as dificuldades que encontrarão na vida.

- A família torna-se escola que prepara para a vida quando nela **se ensina e se aprende o diálogo, a comunicação e a compreensão**. Quando estes valores são vividos na família, os filhos aprendem a escutar, conversar, compartilhar e interessar-se por aquilo que se refere à vida em comum, à casa e às pessoas. E todos nós sabemos que ser capazes de conviver e compreender, de desculpar e perdoar, são atitudes que caminham juntas.

Quando este clima é favorecido, a família torna-se espaço de vida no qual se vive atento à reciprocidade e se preocupa com o bem dos outros a partir do respeito que se tem para com cada um e para com os seus processos. Aprende-se a viver atitudes que parecem contrapor-se, mas que preparam para a vida quando estimulam harmoniosamente:

- diálogo e responsabilidade
- autonomia e solidariedade
- cuidado consigo mesmo e busca do bem de todos
- competitividade sadia para ocupar o próprio lugar na família e capacidade de perdão
- disponibilidade à comunidade e, ao mesmo tempo, capacidade de escuta e de silêncio respeitoso

- Na família, também se aprende a **conhecer os limites e fazer experiência deles**.

Nada do que acontece no seio da família pode ser estranho aos seus membros, menos ainda quando se trata dos filhos. Segue-se daí que os pais, ou o pai ou a mãe quando fica um só deles como chefe da família, devem trazer a todos em seu pensamento e em seu coração, onde quer que estejam e em qualquer coisa que aconteça. Os pais são chamados a ser observadores atentos, capazes de acompanhar os filhos com o olhar atento do coração, capazes também de pôr limites à liberdade dos filhos para o bem deles mesmos. “Sempre faz falta vigilância; o abandono nunca é sadio... a obsessão, porém, não é educativa”.³³ Por isso, diz o Papa, “O que interessa acima de tudo é gerar no filho, com muito amor, processos de amadurecimento da sua liberdade, de preparação, de crescimento integral, de cultivo da autêntica autonomia”.³⁴

- Os valores mais preciosos e essenciais (amor, fé, liberdade, justiça, respeito, laboriosidade, honestidade...) **aprofundam suas raízes na vida familiar**, e este aprendizado, atuado na vida e no afeto, é decisivo e fundamental para os filhos. Consequentemente, deve ser preocupação permanente dos pais e educadores agir com sensibilidade educativa para aprofundar as raízes do que é essencial. Desta perspectiva surge o esforço para educar³⁵ à liberdade, à responsabilidade, ao desenvolvimento ético e moral, à afetividade, à vontade, à empatia, à proximidade, ao cuidado dos outros e da criação, assim como ao amor e à sexualidade responsável. Este conjunto constitui

³³AL, 260 e 261.

³⁴AL, 261.

³⁵Cf. AL, 262,262,263,264,268,282,283.

uma grande tarefa na formação das pessoas, e a família tem um papel fundamental nisso; para realizá-lo pode confiar na ajuda de outras instituições e, em especial, desde a nossa perspectiva e convicção, na ajuda da Igreja.

- Perante a situação concreta de muitas sociedades nas quais a aspiração à vida cômoda e fácil constitui o anseio mais sentido, e o conforto e o bem-estar tornam-se a meta primeira e última, a convicção de que o dinheiro pode tudo, é de importância vital **educar a família à sobriedade e à moderação**, ao consumo do necessário e não do supérfluo, ao valor da simplicidade da vida.

Os pais que submergem os filhos na abundância de coisas supérfluas correm o risco de transcurar o que para eles é mais necessário: a sua orientação e os seus critérios, o seu afeto e o seu amor. O Papa Bento XVI afirma sobre isso: “Também o sofrimento faz parte da verdade da nossa vida. Por isso, procurando proteger os mais jovens de qualquer dificuldade e experiência do sofrimento, arriscamos fazer crescer, apesar das nossas boas intenções, pessoas frágeis e pouco generosas: a capacidade de amar corresponde de fato à capacidade de sofrer, e de sofrer juntos”.³⁶

É verdade que, infelizmente, são muito mais numerosas as famílias que vivem numa “pobreza obrigada” e não podem aspirar nem sequer ao necessário. Estamos cientes de que a distribuição dos bens não é justa. Mas é oportuno indicar que a nossa ajuda às famílias se manifesta oferecendo-lhes orientações sobre como educar os filhos neste campo, *sem dar por certo que esta mentalização possa ser ainda mais necessária para alguns pais*.

- **A capacidade de empenhar-se é vital na vida das pessoas**, e o será na vida dos filhos. A família prepara para a vida quando ensina que ser pessoas responsáveis envolve fazer um adequado uso da liberdade e confiar na palavra dada; descobrir que exercer a própria liberdade é muito mais do que decidir o que me agrada e o que não me agrada. Significa dizer tomar ciência do valor da *responsabilidade* e da *laboriosidade*; neste sentido, é de grande importância que se aprenda na família que é possível ser livre quando há empenho naquilo que se faz.

- A partir da nossa visão sobre a vida e da perspectiva dos valores que nos movem, **o grande presente que os pais podem dar aos seus filhos é o processo de transmissão da fé**, de uma fé empenhada e ativa. “A família deve continuar a ser lugar onde se ensina a perceber as razões e a beleza da fé, a rezar e a servir o próximo”.³⁷ Bem sabemos que a fé é dom de Deus, não o resultado das nossas ações, “mas os pais são instrumentos de Deus para a sua maturação e desenvolvimento”.³⁸ Certamente, como afirma o Papa no mesmo número essa “transmissão da fé pressupõe que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de O procurar, de precisar d’Ele, porque só assim ‘cada geração contará à seguinte o louvor das obras [de Deus] e todos proclamam as [Suas] proezas’ (Sl 145/144, 4)”.³⁹

- Os desafios e as tarefas apresentadas até aqui falam-nos de uma **“arte de guia e governo”** dos pais, ou da mãe ou do pai que estão conduzindo a família de forma heroica. Com a expressão “arte de guia e governo”, alude-se, neste contexto, ao fato de que cada filho e cada filha representa uma tarefa única, muito semelhante à realização de uma obra de arte que, mesmo se não for

³⁶BENTO XVI, *À Diocese e à Cidade de Roma sobre a tarefa urgente da formação*(21.01.2008).

³⁷AL 287.

³⁸*Ibid.*

³⁹*Ibid.*

completamente concluída, será considerada concluída na medida em que cada filho for capaz de caminhar com segurança na vida.

3.5. Missão Pastoral Salesiana decisiva: ACOMPANHAR E GERAR PROCESSOS

Tudo que dissemos até agora, com abundância de orientações e sugestões, permite-nos oferecer à Família Salesiana diante deste desafio muito belo e atual, algumas orientações pastorais e pedagógicas a partir de algumas questões:

- Como acompanhar os pais, os esposos e os que estão à frente da própria família?
- Como acompanhar os filhos, especialmente os que convivem nos ambientes salesianos, muitos jovens e muitas jovens no mundo todo?
- Como acompanhar com a nossa pastoral juvenil, familiar e paroquial os jovens que estão amadurecendo um projeto de vida para o matrimônio e a formação de uma família?

A resposta a estas questões pede à nossa pastoral iniciativas, ações e decisões:

1. Aceitar com decisão a aposta de **considerar como prioridade educativo-pastoral a atenção às Famílias**. Foi dito muitas vezes e em tantas assembleias, nos capítulos inspetoriais e também nos capítulos-gerais. Chegou o momento de afirmar em todas as presenças salesianas do mundo que não é possível pensar em quase nenhuma ação educativa e pastoral com os adolescentes, as adolescentes e os jovens, se não for claro que é preciso estar em concreta ligação e comunicação com as suas famílias e que é necessário envolvê-las, “Para que as famílias possam ser sujeitos cada vez mais ativos da pastoral familiar, requer-se um esforço evangelizador e catequético dirigido à família, que a encaminhe nesta direção”.⁴⁰ Precisamos convencer-nos de que não é suficiente que seja clara para nós a prioridade dos jovens como destinatários da nossa missão. Hoje, mais do que nunca, a tarefa educativa e de evangelização é *inseparável da família*.

2. **Dar passos decididos e coerentes para assumir o acompanhamento** como opção prioritária, mediante iniciativas concretas e práticas segundo os diversos contextos:

- Acompanhamento dos pais e dos cônjuges, que o aceitem.
- Acompanhamento real dos adolescentes e das adolescentes e dos jovens das presenças salesianas do mundo, especialmente diante de situações de dificuldades familiares e pessoais.
- Acompanhamento vocacional de todos os jovens e em especial daqueles que pretendem amadurecer um projeto de vida para o matrimônio.
- Acompanhamento que se traduz concretamente numa proposta de espiritualidade e Fé, como sentido da vida, nas mais diversas realidades das famílias com as quais entramos em contato.

3. **Ajudar as famílias a educarem e crescerem com o afeto e o coração**, com tudo o que isso comporta no nosso sistema educativo (Preventivo). Sabemos o quanto é lento o itinerário de crescimento e amadurecimento humano. Depois do nascimento, vem a outra iniciação à vida, que consiste na transmissão dos valores. Por isso, “os filhos precisam do espaço protetor e da segurança afetiva, que encontram no amor dos pais; e, por sua vez, consolidam e enriquecem o vínculo de amor na relação entre os pais”.⁴¹ Em nossa missão de educadores e evangelizadores,

⁴⁰AL, 200.

⁴¹WALTER KASPER, *El futuro de la familia desde la perspectiva cristiana*, in Goerge Augustin (de), o.c., 150.

precisamos dar prioridade a esta dimensão. Nessa linha, devemos *construir pontes permanentes com os pais* para descobrir juntos como cultivar, nas famílias e em nossas presenças, pelo bem de seus filhos, a acolhida, a escuta, o diálogo, que evita impor a autoridade sem oferecer motivações, a proximidade das relações, o respeito dos tempos de cada um, a comunicação pessoal, o afeto que supera barreiras e distâncias...

Na carta de que já falamos, o Papa Bento XVI, referindo-se à “emergência educativa”, sublinha a necessidade de educar na base do amor: “Ela tem necessidade antes de tudo daquela proximidade e confiança que nascem do amor: penso na primeira e fundamental experiência do amor que as crianças fazem, ou pelo menos deveriam fazer, com os seus pais. Mas cada verdadeiro educador sabe que para educar deve doar algo de si mesmo e que só assim pode ajudar os seus alunos a superar egoísmos e a tornar-se por sua vez capazes de amor autêntico”.⁴²

Bem compreendemos do que se está falando quando pensamos em Dom Bosco, que nos pede para que os jovens não só sejam amados, mas percebam que são amados. Devemos ser capazes de transmitir esta mensagem aos pais, de modo realmente convicto.

4. Acompanhar e apoiar os pais em sua missão educativa, envolvendo-os o mais possível; às vezes, eles mesmos, embora tendo grande desejo de assumir a responsabilidade de primeiros educadores, não sabem como fazê-lo. “Intensifique-se a colaboração com as famílias enquanto primeira educadora de seus filhos e filhas. Com essa finalidade é preciso oferecer em nossas obras um clima educativo rico de valores familiares”, afirma o CG24 dirigindo-se aos Salesianos.⁴³ Devemos ser criativos; algumas iniciativas tiveram sucesso em alguns períodos e, depois, desapareceram. Nem sempre é fácil motivar os pais, mas essa dificuldade deve levar-nos com mais força a refletir juntamente com eles sobre aquilo de que precisam. “Sobre isso, seria desejável um diálogo mais profundo com os pais e com as mães para poder descobrir como é possível valorizar as potencialidades da família”.⁴⁴

5. Assumir seriamente a tarefa de ajudar os pais na educação ao amor e na educação sexual dos seus filhos e das suas filhas.

O Papa Francisco, referindo-se na Exortação àquilo que o Vaticano II pedia com a Declaração *Gravissimum Educationis*, exclama: “Deveríamos perguntar-nos se as nossas instituições educativas assumiram este desafio”.⁴⁵ Muitos indicadores parecem dar a entender que, em relação a essa responsabilidade, houve um retrocesso nas presenças salesianas. Parece que as dificuldades do contexto nos limitaram não pouco. Contudo, enquanto educadores e educadoras sentimos o dever de educar os nossos destinatários para o amor, e estamos convencidos de que é uma grande lição sobre o amor alimentar em nossas casas um ambiente educativo rico de comunicação e afeto. Estamos convencidos da necessidade de uma educação afetivo-sexual adequada e de uma catequese atenta, que ajude os jovens a compreenderem a realidade e a dimensão do amor.⁴⁶

⁴²BENTO XVI, *À Diocese e à Cidade de Roma sobre a tarefa urgente da formação*(21.01.2008).

⁴³CGXXIV,177; Pascual Chávez, o.c. 41.

⁴⁴WALTER KASPER, o.c. 175.

⁴⁵AL, 280.

⁴⁶Cf. XXIII Capítulo-Geral da Sociedade de São Francisco de Sales, *Educar os jovens na fé*. Roma, 1990, 195-202.

6. Oferecer, com estilo salesiano, a nossa capacidade de mediação e a nossa ajuda aos pais e às famílias quando enfrentam situações pessoais de dificuldade e de crise. E, mesmo se chegarmos a recomendar-lhes para recorrerem à ajuda de outros profissionais nos problemas de casal, nós, em nossa qualidade de educadoras, educadores e pastores podemos ser uma ponte muito importante para o bem de seus filhos. É fácil compreender que podem cometer alguns erros em relação ao casamento e à sua família. A nossa ajuda consistirá, o quanto possível, em ajudar a buscar sem se cansar a relação com o outro, a percorrer itinerários que renovem a comunicação, a propor o perdão recíproco como meio eficaz, a crer na possibilidade de um novo início. Enfim, ajudar a crescer e amadurecer através da relação com o outro.

7. Ser casa aberta a todos⁴⁷ nas igrejas domésticas no interior da única Igreja.

Em muitas partes do mundo, as igrejas domésticas foram apoio e defesa da fé em tempos de perseguição, de falta de liberdade religiosa, etc. Muitas vezes, os pais e seus filhos vivem distantes de qualquer experiência religiosa ou a ignoram. Em situações como estas, as presenças salesianas com seus grupos e associações, as nossas comunidades religiosas, os diversos grupos apostólicos, os grupos de oração, os grupos bíblicos ou de catequese de adultos, o voluntariado, etc., podem oferecer o espaço e o ambiente espiritual favorável para a acolhida e a integração de grupos de pais e de famílias.

8. Acompanhar os jovens em seu projeto de vida matrimonial.

Será, talvez, que o matrimônio cristão, celebrado e vivido como sacramento, é um modelo obsoleto e superado? Foi o Papa Bento XVI, durante o VII Encontro Mundial das Famílias, realizado em Milão em 2012, a lançar aos jovens o desafio do matrimônio afirmando que “é possível e é experiência alegre, embora exija esforço, viver um amor fiel, para sempre, aberto à vida”. É da máxima importância ajudar os jovens a descobrirem a riqueza e o valor do matrimônio. Os jovens “devem poder captar o fascínio de uma união plena que eleva e aperfeiçoa a dimensão social da vida, confere à sexualidade o seu sentido maior, ao mesmo tempo que promove o bem dos filhos e lhes proporciona o melhor contexto para o seu amadurecimento e educação”.⁴⁸ Numa perspectiva de fé, o ideal cristão é sustentado pela convicção de que é um bem para as pessoas empenhar-se mediante uma decisão livre e propor-se uma meta elevada e ambiciosa, o que é muito diferente da idealização do matrimônio; por isso:

- Precisamos ajudar os jovens a descobrirem que é um bem desejar o que o matrimônio e a família oferecem, quando são vividos positivamente.
- Ajudá-los a crer serenamente que, na perspectiva do amor, este projeto de vida é possível para eles, se for essa a sua vocação e o chamado de Deus.
- Caminhemos ao lado deles para ajudá-los a perceberem com realismo o perigo da idealização, que pode levar à desilusão, quando não se realizam todos os desejos sonhados.
- Ajudá-los a descobrir que no matrimônio cristão há um aspecto de admirável beleza, constituído pelo fato de que *o amor se coloca no horizonte de Deus*. É esse o significado do sacramento como sinal eficaz do Amor de Deus neles.

9. Ajudar os pais e as famílias a compreenderem, especialmente nos momentos de dificuldade, que, do ponto de vista espiritual, a vida de todo casal e de toda família se realiza segundo a lei do

⁴⁷ Cf. WALTER KASPER, *o.c.*, 159-160.

⁴⁸ AL, 205.

processo e da gradualidade,⁴⁹ como também do crescimento que se renova continuamente e se aprofunda no Mistério de Cristo. São numerosos os valores a ser compartilhados com os pais e os filhos, por exemplo, o valor de exercer em várias retomadas a tolerância e a paciência; de dedicar-se tempo reciprocamente; das expressões de amor, afeto, ternura e respeito; do reconhecimento e do amor de uns para com os outros. Desta experiência fazem parte também a oração em família e a celebração da fé. “É muito bonito encontrar-se com casais adultos que, apesar da idade avançada, testemunham que são enamorados de forma madura. É expressão de uma experiência humana salva, com sucesso do ponto de vista humano e espiritual”.⁵⁰

10. Participar **ao longo do caminho de reflexão e discernimento feito pela Igreja**, dando maior atenção à realidade familiar e sublinhando a prioridade da misericórdia como valor essencial do Evangelho. Isso tudo deverá confluir para a nossa prática educativa e pastoral. Devemos estar profundamente convencidos do **critério da gradualidade, que caracteriza a ação pastoral com as famílias**, e assumi-lo em nossa visão, na programação e na ação educativo-pastoral.

11. Acrescentam-se a isso tudo outras iniciativas e critérios, nos quais os convido a pensar em nível local e nos diversos contextos, à luz do que lhes sugeri. Podem, talvez, servir-lhes de exemplo os seguintes aspectos, que me permito indicar:

- **Não ter medo de propor valores humanos e espirituais** aos nossos jovens e às suas famílias. As famílias, com frequência têm necessidade disso e se mostram reconhecidas.
- **Contribuamos**, no que for possível, **para garantir e promover** nas famílias **o sentido da alegria de Amar**.
- **Asseguremos em nossas casas**, especialmente para os nossos destinatários e suas famílias, **a hospitalidade e a acolhida** como expressão da nossa disponibilidade.
- **Promovamos** em nossas presenças **casais que possam ser os primeiros animadores, guias e acompanhantes, educadores e apóstolos de outros casais** que sintam necessidade disso.
- **Fiquemos convencidos** de que o **nosso trabalho no acompanhamento das famílias** pode ser uma oportunidade extraordinária **para contribuir na erradicação de toda forma de discriminação das meninas e da mulher**.
- **Valorizemos as experiências de “boas práticas”**, que existem em muitas de nossas casas **em relação às famílias**, compartilhemolas e tornemo-las conhecidas.
- **Examinemos** com muita sinceridade a **nossa atitude de empatia** para com os pais e as mães, que com frequência passam por situações de dor e de angústia.
- **Desenvolvamos** ainda mais a **força pastoral das nossas Comunidades Educativo-Pastorais**, usufruindo do fato de que a nossa ação educativa e evangelizadora é comunitária.
- **Façamos com que as casas salesianas no mundo todo apresentem um rosto e um modelo de Igreja**, que ajude os pais e as famílias a descobrirem a fidelidade, no caso que estivesse adormecida ou tivesse sido abandonada.
- **Enfim, retornemos com decisão, sem nos cansarmos, ao clima de Valdocco**.

Concluo este apelo, que dirijo a toda a Família Salesiana, por uma renovada atenção às famílias, aos seus filhos e às suas filhas, nos diversos lugares onde nos encontramos, fazendo meu um trecho significativo da Exortação Apostólica e tomando dela a oração conclusiva à Família de Nazaré:

⁴⁹WALTER KASPER, *o.c.*, 156.

⁵⁰*Ibid.*

“O nosso ensinamento sobre o matrimônio e a família não pode deixar de se inspirar e transfigurar à luz deste anúncio de amor e ternura, se não quiser tornar-se mera defesa de uma doutrina fria e sem vida. Com efeito, o próprio mistério da família cristã só se pode compreender plenamente à luz do amor infinito do Pai, que se manifestou em Cristo entregue até o fim e vivo entre nós. *Por isso, quero contemplar Cristo vivo que está presente em tantas histórias de amor e invocar o fogo do Espírito sobre todas as famílias do mundo*”.⁵¹

Oração à Sagrada Família

*Jesus, Maria e José,
em Vós contemplamos
o esplendor do verdadeiro amor,
confiantes, a Vós nos consagramos.
Sagrada Família de Nazaré,
tornai também as nossas famílias
lugares de comunhão e cenáculos de oração,
autênticas escolas do Evangelho
e pequenas igrejas domésticas.
Sagrada Família de Nazaré,
que nunca mais haja nas famílias
episódios de violência, de fechamento e divisão;
e quem tiver sido ferido ou escandalizado
seja rapidamente consolado e curado.
Sagrada Família de Nazaré,
fazei que todos nos tornemos conscientes
do carácter sagrado e inviolável da família,
da sua beleza no projeto de Deus.
Jesus, Maria e José,
ouvi-nos e acolhei a nossa súplica.
Amém.*

Roma, 31 de dezembro de 2016.

P. Ángel Fernández Artime, SDB
Reitor-Mor

Redigitado/diagramado by LMS.2022/maj27

⁵¹AL, 59; o cursivo corresponde a uma opção da redação.